

CINCO VEZES UM



Eduardo Navarro Stotz

julho de 2012

A PROPÓSITO

A coletânea de textos que o leitor, leitora tem em tela expressa o empenho do autor em situar-se na sua época, em distintos momentos. Maremoto inicia esses relatos de cunho autobiográfico, definindo a linha temporal do conjunto e a temática subjacente. O texto seguinte é uma versão modificada de outro, publicado em 1998 com o título de “Uma descrição” no livro *Prosas de Manguinhos*, organizado por Pedro Teixeira, Luiz Fernando Ferreira e Antenor Amâncio Filho. Descrente da possibilidade de reminiscências recuperarem os fatos tal como foram vivenciados, ficcionalizei as lembranças referidas. Assim espero ter me aproximado do que convencionalmente se conhece por literatura.

1. MAREMOTO

Todos haviam partido, exceto nós. A sensação de desamparo e isolamento foi maior no começo, pela ausência dos primos e dos pais. Na sucessão de noites e dias, nada parecia ser uma alternativa interessante para escapar da monotonia. Por exemplo: tentávamos adivinhar as figuras desenhadas com os dedos nas vidraças embaçadas pela maresia. Tentativas sempre imperfeitas, acabavam antes do fim.

O tempo escorria na direção de um ponto de fuga imaginário no imenso mar à frente da casa de veraneio do nosso avô.

Sócio proprietário de uma fábrica de tecidos, ele vivia dos rendimentos sobre o capital. Levava uma vida boêmia, em noites animadas ao piano tocado sem despregar o olho da platéia feminina presente nos bares dos poucos hotéis (o mais famoso então era o Miramar) isolados entre si ao longo da orla marítima, ainda sem iluminação pública. Nessas ocasiões um piano-bar em funcionamento era um farol a iluminar o caminho dos naufragos das bebedeiras que perambulavam, às vezes solitários, noutras em grupo, na escuridão da praia. Em algum momento, quem sabe em decorrência da descoberta de paradeiro mais atraente para sua vida boêmia, meu avô deixara de frequentar a casa de veraneio, passando-a aos cuidados da zelosa irmã Maria, conhecida como Mimi.

Nas férias daquele verão fora do comum ela ficara encarregada de cuidar de mim e de meu irmão caçula. Diligente, tratava manter a ordem ocupando-nos em tarefas cotidianas. No início reagimos com indisposição; pouco a pouco, praticá-las tornou-se para nós o preenchimento das intermináveis horas vazias, instantes a destacar-se da indiferença e da indeterminação. Foi o tempo inconsciente do aprendizado do amor por Mimi, avó postiça, nossa Omama. Perspicaz, compensava-nos com bolos e outras delícias o bom desempenho nas tarefas de arrumação. A lista seguia um roteiro fixo: afastar e prender os mosquiteiros; arrumar as camas; enxugar a louça das refeições; à tarde, após o descanso, guardar os produtos perecíveis no armário de tela; e acender o forno para assar o pão de milho. Esta última era, de fato, uma tarefa maravilhosa, a única capaz de despertar-nos para uma alegria verdadeira. Acender era tarefa exclusivamente minha, indicação de que eu já era um “homenzinho”, mas quase sempre acabava por ceder aos apelos incessantes do meu irmão, permitindo que ele acrescentasse uma acha de lenha quando o fogo já estava alto. Aí chamava pela Omama para informar que o forno estava pronto para assar o pão. Verdadeiro prêmio era poder mastigar fatias daquele pão quente e úmido, de uma textura leve mas consistente. Aquela oportunidade, repetida várias vezes durante o mês de fevereiro, de partilhar das divindades alegres deu um sabor especial a esse período incomum da nossa infância.

À noite o mundo se enchia de sombras inquietantes, conforme a nossa imaginação as movimentava. Tanto mais forte porque eram frequentes os cortes no fornecimento de energia elétrica. Portanto, não era raro conversarmos à luz de velas, cuidadosamente dispostas por Omama de modo a evitar grandes espaços sem luz. Antídoto contra o medo, dava a impressão de comemoração de festa. Mesmo assim o vento, infiltrando-se pelas frestas das janelas, soprava a chama dos pavios, quase ao ponto de apagá-las, e deslocava os objetos de sua forma imóvel ao projetar sombras bruxuleantes nas paredes. O jeito era fechar os olhos e prestar atenção na voz da nossa avó. Para induzir-nos ao sono ela contava histórias ouvidas em sua infância, narrativas de um tempo muito antigo, como aquele dos primeiros colonos a transportar gêneros e produtos, adquiridos na cidade portuária, em canoas puxadas por mulas ao longo das margens do afluente do Itajaí Açu. Essas viagens duravam às vezes semanas, interrompidas que eram por entreveros com os “bugres”. Paradoxalmente, o transporte de carga à montante do rio acabava facilitado, nos trechos mais difíceis, pelo desfazimento de alguns bens negociados entre colonos e nativos para continuar a viagem tranquilamente. A chegada dos viajantes ao vilarejo de destino, Bruschi, era sempre comemorada com festas que acabavam tarde da noite. Essas histórias davam a impressão de que o tempo transcorria ainda mais lentamente mas o sono, em compensação, vinha depressa.

As histórias pareciam continuar no dia seguinte, como se não houvesse ponteiros no relógio da estação para naufragos.

Nessas férias voltamos a viver a simplicidade das coisas feitas com as próprias mãos. Omama cozinhava no fogão à lenha: o consumo dos alimentos era quase sempre imediato, guardava-se para um ou no máximo dois dias. Nada de geladeira ou de televisão, produtos recentes no mercado restrito à igualmente exígua classe média mas que existiam longe, na distante casa onde se encontravam os nossos pais. Um telefone mantinha (raramente) o contato com o 'mundo exterior', sendo uma prerrogativa dos adultos manipulá-lo pois exigia auxílio ao serviço de telefonia.

A energia elétrica permitia acionar uma bomba que puxava água do poço para a caixa de abastecimento da casa. Ouvir a primeira queda da água a sair pelo 'ladrão' era o sinal de outra das nossas tarefas, a de desligar o interruptor do motor da bomba. Se um colapso de energia acontecia durante o dia, impunha-se a tarefa de bombear água manualmente, despejada sobre baldes, esforço que eu prontamente dispunha-me a fazer como uma demonstração de que não era mais uma criança.

A hora mais inventiva para nós era a que se seguia ao almoço, quando Omama descansava. Deitados no quarto ao lado, separados dela por uma parede de madeira, aguardávamos em silêncio. O respiro entrecortado, um som fraco seguido por outro sibilante e forte a repetir-se, era o sinal de que ela entrara em sono profundo, oportunidade para nos fugirmos da obrigação do descanso. Então saltávamos das camas e zuníamos para a casa dos fundos, local da lavanderia, depósito de lenha, garagem e moradia do caseiro nos dias comuns da semana.

O terreno da casa terminava nos juncos nascidos na beira de uma lagoa de água doce frequentada por pitus, sapos, peixes, mosquitos e libélulas. Numa tarde ensolarada de um domingo mais quente que o habitual avistamos entre os juncos um lagarto de papo amarelo. Perseguimos o animal até que ele se escondeu no vão da casa dos fundos, atrás das tábuas, arame, ferramentas e uma profusão de pedaços de coisas impossíveis de descrever. Imaginei espantá-lo com o fogo que aprendera a manipular. Preparei uma 'tocha de jornal' e, na medida em que retirava os obstáculos, iluminava as áreas escuras. Na expectativa de espantá-lo, não me dei conta de estar a atear fogo no entulho sob a casa. Pior foi constatar que a construção da casa era de madeira, inclusive o chão, todo de tábuas corridas. Ao sinal das primeiras chamas, o susto e o desespero de não conseguirmos apagar o fogo levou meu irmão a correr por auxílio. Um balde de água jogado por Omama resolveu prontamente a situação perigosa, mas a consciência daquele ato impensado levou-me a pedir, por favor, que não contasse nada do ocorrido aos meus pais: nunca mais faria aquilo de novo, prometi sob o seu olhar repreensivo.

Então um dia, subitamente, as férias acabaram. Nossos pais chegaram de automóvel: tínhamos de sair dali às pressas para retornar à capital. Por que? Por causa de um maremoto que estava prestes a acontecer. Maremoto. Essa palavra não guardava, contudo, nenhuma semelhança com ressaca, como aquela ocorrida num inverno anos atrás, também algo inédito para mim pois o mar havia avançado na estrada e invadira o terreno, entrando por baixo dos pilotis. A marola chegara a bater na escada de entrada da casa. A descrição feita pelo nosso pai compunha um cenário de fim de mundo: as águas do mar fugiriam para o horizonte, revelando o cemitério marinho repleto de embarcações naufragadas e de peixes e outras espécies privadas de seu elemento, para voltar furioso numa gigantesca onda que submergiria tudo, a nossa casa e a cidade. Uma ansiedade tomou conta de nós. Seguiu-se uma rápida arrumação de malas e a saída às pressas do balneário.

Horas depois, na subida da serra, no meio da névoa, apareceram soldados; armados de fuzis e de metralhadoras, ordenaram-nos a parar e saltar do automóvel para uma revista. Nada encontrando, mandaram-nos prosseguir viagem. Somente muitos anos depois, quando assistia ao noticiário sobre a devastação de praias e ilhas por todo o sudeste asiático, entendi o acontecido. Um fenômeno de proporções semelhantes, mas com poucas vítimas ocorrera em Kodiak, Alasca, quatro dias antes do bloqueio militar da rodovia por onde trafegávamos apressados. O maremoto não nos atingira. Contudo tornou-se, para mim, a metáfora possível da catástrofe que então se abatia sobre a imensa maioria dos brasileiros. Era 31 de março de 1964 e nunca mais as coisas seriam como antes.

2. A BIBLIOTECA

Aquele tinha sido um outono ventoso, seco, monótono. Os dias passavam lentamente, sem novidades. Pelo menos até a tarde na qual tive a oportunidade de conhecer o interior daquela mansão onde moravam os parentes detestados por nós. Infelizmente a mansão erguia-se em terreno contíguo, separada apenas por uma cerca de arame bem alta. Palmos depois ficava um viveiro de pássaros, sempre mergulhado na sombra das árvores, de onde vinha, invariavelmente, o som de uma araponga. O lancinante e compassado trino do pássaro a ferir nossos ouvidos era suficiente para lembrá-lo da presença de seus donos, adicionando assim outro motivo a um ódio muito antigo.

Numa tarde de sábado cheia de sol nosso pai tomou uma decisão que modificaria inteiramente a vida familiar. Quis o destino ser encarregado de levar uma mensagem à senhora R. Assim, com um temor que não conseguia disfarçar, dirigi-me ao frontispício daquela mansão, um edifício de cinco andares que se estreitava a cada pavimento e era encimado por uma torre. Construído com imensas pedras de granito acinzentado, ligadas por uma argamassa gorda nas quais eram visíveis minúsculos pedaços de quartzo cor-de-rosa (nos dias ensolarados, os estilhaços refletiam uma luz capaz de cegar os transeuntes), o edifício era rodeado por ciprestes **que ocultavam parcialmente** a altura da torre.

A construção situava-se num amplo terreno ladeado por cerca viva. Entrava-se na propriedade por um portão de ferro fundido, com diferentes ornamentos nas duas divisórias. Ao pressionar a campainha, sobrepondo-se aos latidos, ouvi o som metálico e cortante da araponga. Fui recebido e conduzido ao interior da mansão por um laçoi. Salas, salões, saletas, castiçais, tapetes, quadros, cortinas, candelabros, estantes, um mobiliário pesado, talhado em madeira de lei, passaram pelos meus olhos enquanto subia ao terceiro pavimento, por uma escada de caracol, até encontrar, na ampla biblioteca, a senhora R. O sorriso e o tom de voz com que ela me recebeu, o sarcasmo contido, o olhar penetrante, ressaltado pelas sobranceiras cuidadosamente delineadas, essas características impressionaram-me profundamente. Eu me senti diante da avassaladora presença de uma semideusa capaz de sugar-me a alma. Ao entregar o bilhete, fui tomado por uma sensação de vertigem. E, pela expressão do olhar dela, percebi... que ela estava "lendo" seus pensamentos! Estático, de pé, cravando a vista na senhora R., comecei a respirar, controlada e silenciosamente, enquanto ela lia a mensagem, com evidente satisfação. Meus pés já começavam a formigar quando, sem levantar os olhos, a senhora disse-me para sentar na poltrona próxima à janela. Aliviado, acedi, afundando-me lentamente no móvel. Com o relaxamento muscular, o instante de alucinação logo se desfez. Ela permaneceu pensativa um tempo, o papel na mão e o pensamento distante. Depois, pediu que eu esperasse ali e saiu da sala.

Por absoluta falta do que fazer, pus-me a observar as coisas à minha volta. Meus olhos vaguearam pelos quadros de paisagens campestres de melancólica quietude, mas a minha atenção foi atraída para o retrato de uma jovem seminua; imensamente pálida, ela segurava nas mãos um lírio. Desviei-me dessa inquietante pintura para deparar-me com a máscara chinesa situada no lado oposto. Levantei-me da poltrona imediatamente e fui até a janela. Queria ver a araponga, pois me dera conta do absoluto silêncio reinante. Mas a sala abria-se apenas para a luz e o vento; situava-se no lado contrário ao do viveiro de pássaros. Ao retornar à poltrona percebi os livros expostos numa enorme estante. Sem hesitação, resolvi subir na escada que se movia lateralmente, graças a trilhos presos no alto. Na última estante estavam os romances. Descobri ao lado de *Anna Kariênina*, *O Amante de Lady Chatterly*. Movido pelo temor de ser surpreendido com aquela obra proibida nas mãos, abandonei o intento de pegar o achado e continuei a investigação. Fui descendo os lances da escada – os livros de História e Ciências estavam perfilados nas prateleiras seguintes, abaixo – até alcançar outra vez o piso da sala. À altura dos meus olhos estavam manuais de Matemática e de Gramática. Ao lado dos dicionários de línguas vivas e mortas, um pequeno volume, "História de Roma", estava fora de lugar. Apanhei-o e, afundando-me na poltrona outra vez, comecei a lê-lo.

Tudo, no início da adolescência, está simultaneamente perto e longe no tempo. Até bem pouco, aliás, os

antigos romanos eram uma das partes mais vívidas de nossa mitologia infantil. Seria melhor dizer que essa parte falava à minha imaginação e dos amigos: nas brincadeiras interpretava destemidos guerreiros em suas bigas, disputando, sob a liderança de heróis, um tesouro prometido. O desfecho dessas estórias seria a vitória do herói mais poderoso e justo, um final nunca logrado por falta de acordo sobre quem representaria tal personagem. Mas no livro que, completamente isolado do mundo, folheava, não havia sequer traços de heroísmo e de justiça. A história romana era cruamente apresentada como um desfile macabro de guerras sem fim. A classe dos guerreiros se compunha de gente estúpida, cruel e sem rosto. Os senhores da guerra triunfavam sobre os cadáveres de seus inimigos, em número incontável ao longo da história. Uma breve paz aparecia no período da realeza, ainda nos primórdios daquela que seria chamada de Cidade Eterna. Mais tarde, relendo outra *História de Roma*, de Flávio Eutrópio, identifiquei aquela como sendo a época de Numa Pompílio que não teria feito guerras e se dedicado a estabelecer as leis e os costumes. Segundo o autor, aquele rei morreria de doença, no quadragésimo terceiro ano de seu governo. O destino dos outros governantes, fui percebendo à medida em que avançava na leitura, estava marcado por violências, guerras civis e conspirações. Por que chamavam-na de Cidade Eterna?

Subitamente, com um envelope nas mãos, a senhora R. irrompeu na sala.

No dia seguinte, no almoço dominical, nosso pai surpreendeu a todos com a notícia de que se retiraria do empreendimento comum da família, vendendo a sua parte aos vizinhos. Ao assombro provocado por esta decisão seguiu-se outro: nós, os três filhos continuaríamos os estudos em outra cidade e para lá iríamos assim que fosse possível, de acordo com a idade de cada um.

Entardecia quando resolvi contar ao pai as impressões da visita à mansão. Descrevi, em pormenor, a biblioteca, um verdadeiro gabinete de curiosidades. Ele escutou com atenção, quase sem alterar a fisionomia séria. Elogiou, ao final, a minha capacidade de retratar aquela sombria residência. A única vez em sorriu foi à menção do longo e pacífico governo de Numa Pompílio. Disse então que na vida, como em Roma, as guerras são uma constante. Mas sempre existirão os momentos de paz. E, concluiu, abraçando-me carinhosamente, devemos cuidar para que esses momentos tenham a intensidade do nosso amor.

3. EM TRÂNSITO

Hotel Blumenau

A festa chegara ao auge com a cantoria, a dança e o riso à toa. As lembranças e as frases soltas, quase sem nexos, mas afetivas, dirigidas à esposa de amigo, recebendo em troca um sorriso como único comentário plausível, antecipavam as despedidas. Guido colocou a mão no ombro dele: *preciso de um favor seu*, disse em voz soprada no ouvido. Imediatamente afastou-se do bafo de álcool misturado com cigarro vindo dele. Virou-se; esperou. *É que a gente ficou com tesão na Fulaninha (apontou para ela), aí agarra daqui e dali, ela tá a fim da gente também. E eu com isso? Pois é, amigão, acontece que a gente está sem grana. Então nos lembramos do quarto do hotel, você empresta e volta daqui umas duas ou três horas... Tudo isso? E quem diz que vocês conseguem do jeito em que... A gente sabe, vai dar no couro, vai dar certo, só precisamos da tua ajuda pra esse (fez biquinho para dizer) mènage a trois*. Riu quase a ponto de se engasgar. Ele estava com dificuldade de raciocinar, riu também, falou “tá bem” e passou a chave do quarto do hotel. Mas com a saída dos três, uma preocupação despertou nele: e se der merda? Se acontecer um escândalo, pois a Fulaninha parecia ser uma mulher meio esquisita, histérica. Vem a polícia e... este pensamento funcionou como um balde de água gelada despejado na cabeça. Foi até o bar e pediu um refrigerante. Ao chegar à recepção, um tempo depois, sóbrio, pediu a chave do quarto. O recepcionista de plantão, ao entregar a chave, disse: tem um recado aqui para o senhor (ele franziu os cenhos em sinal de desagrado, um jovem de 19 anos ser assim chamado?). Mal segurou o papel, ele deu-se conta de ter em mãos uma intimação da Polícia Federal. Agradeceu e foi para o quarto. Andou de um lado para outro, sem saber o que fazer. Um turbilhão de idéias e de sentimentos o fez enfiar a cabeça debaixo do chuveiro. Conseguiu recuperar a calma depois de ter molhado, além dos cabelos, camisa e calça também. Pensou: tinha apenas um dia antes de se apresentar. Precisava de ajuda. Foi quando o irmão chegou, puto da vida: *que merda foi essa de ter um bando de gente fodendo aqui dentro? Isso já passou, o pior é outra coisa*, respondeu, passando o papel da intimação para o irmão. Que fez a coisa certa: telefonou para o pai. Que indicou um advogado, mas, para ajudar o filho complicado fez mais: antecipou o assunto diretamente com o próprio por meio de outra ligação. Quando entraram no escritório, o advogado disse, para começo de conversa: *não há nada a temer se não tiver feito nada de errado, certo?* A frase tinha de ser respondida positivamente, sem pestanejar. *Certo. Então, me passem para cá a intimação*. Leu e, com o papel nas mãos, afirmou: *vejamos, é uma intimação para esclarecimento apenas. Apurar, saber alguma coisa por conta de uma denúncia, provavelmente. Basta responder, se fosse coisa séria não haveria sequer intimação*. Assim se sucedeu, na manhã do dia seguinte na sede regional da PF. Foram orientados para se dirigir à sala do delegado. O irmão, acompanhante, teve de ficar na ante-sala. Sentiu, pela primeira vez na vida, ter verdadeiramente um irmão. Quando sentou na cadeira viu-se diante de um tipo indefinido, nem branco, nem mulato, alto ou baixo; que permaneceu em pé o tempo inteiro da sessão. Sentiu o corpo tremer, como se o coração batesse ora nas mãos, ora no estômago, ora na bochecha esquerda. Lembrou a advertência feita uma vez pelo pai, quando fora escolhido para falar em nome da turma numa festa de formatura: filho, a gente pode tremer da cabeça aos pés; só não pode tremer a língua pois aí ninguém vai entender o que fala. Esse pensamento nem chegou a provocar graça novamente. A intimidação o fez monossilábico naquele interrogatório que pareceu ter durado a manhã toda num clima de ameaça de detenção: *aqui diz* (apontou um papel sobre a mesa) *que o senhor* (novamente senhor!) *está envolvido no apoio a um foco guerrilheiro no sudoeste. É verdade? Não senhor. Mentira, aqui diz que sim, está envolvido!* Tentou vislumbrar o escrito, parecia um panfleto com um desenho de alguém com metralhadora na mão erguida sobre a cabeça. *Sabemos de tudo. Esse foco nunca existirá. E o senhor, se não quiser ir lá para baixo (pareceu apontar com os olhos o porão daquele prédio) vai sair fora, entendeu? Entendi. Veja, sabemos muito bem que é de boa família, tem futuro pela frente. Então cuidado para não estragar esse futuro. Agora pode sair*. Com um até logo, ele encaminhou-se para a porta, mas o homem ficou em silêncio, já sentado à mesa ocupado com outro assunto. O resto do dia se passou em meio a muitas discussões com os amigos mais próximos, para tentar entender a situação. Obviamente alguém os delatara antes de qualquer processo efetivo de apoio ao grupo da esquerda armada. Passou-se algum tempo, os contatos entre eles esfriaram (se sentiam vigiados), até que uma noite chegou até eles a

notícia da queda do pessoal do grupo da esquerda armada, num processo em cascata a partir de uma prisão, tortura, medo e confissão. O quadro era confuso: se o desbaratamento daquela organização tinha acontecido desde outro estado, fora do esquema que parecia estar em curso no sudoeste, então por que a denúncia do grupo de apoio? Não foi difícil abandonar essa pergunta sem resposta possível para pessoas com o nível de simpatizantes em troca da questão mais relevante de identificar o informante. Não poderiam conviver com a presença de um informante, em hipótese nenhuma. Somente muito tempo depois de levantarem suspeitas sobre pessoas inocentes é que foram entender quem tinha sido de fato e, mais tarde ainda, por que agira como delator. Um dos sobreviventes daquela organização de esquerda, preso no estado, fez chegar até eles a informação de que uma das pessoas do círculo de colegas da faculdade tinha se tornado agente policial ainda na fase do movimento estudantil livre; esta pessoa organizara o grupo de apoio estudantil como forma de se infiltrar na seção estadual que iria montar o foco guerrilheiro. Delatar os participantes foi uma forma de mostrar serviço quando esse agente ficou a saber das prisões e da aniquilação do grupo da esquerda. Havia feito alguma coisa para merecer o dinheiro que recebia para trabalhar numa das várias agências repressivas que disputavam comandar a repressão às organizações de esquerda. Mas não fizera parte das ações decisivas. Uma simples investigação da Polícia Federal demonstrara o caráter inócuo daquele apoio estudantil à guerrilha. Para eles, simpatizantes da esquerda revolucionária, contudo, todos os eventos transcorridos projetavam outro sentido. Aos poucos começaram a entender aquela frase no final do discurso de saudação aos calouros. Telmo dissera, em tom ardoroso: *a árvore da liberdade somente poderá vingiar com o sangue derramado por uma geração de revolucionários*. Corria o ano de 1969.

Praia Grande

Destravou e travou a pistola. Empunhou-a e mirou o vão da porta de vidro aberta para a varanda no nível térreo. Esse mesmo gesto tinha feito anos atrás, na beira do rio, com uma *mauser*, sob orientação de Leopoldo, irmão mais velho do amigo Pedro. Esta experiência, na qual atirara algumas (quantas?) vezes na água pardacenta da margem encoberta por arbustos, servira como referência para escolha dele na possível ação de defesa a ser desencadeada caso houvesse uma investida policial. Contudo, jamais esqueceria que aquela arma mais tarde seria utilizada por Leopoldo para o ato desesperado de acabar com a própria vida, cujo único sentido estava na palavra “perdoem-me” dirigida aos pais escrita num pedaço de papel no qual o sangue respingou.

Levantou-se da cadeira e dirigiu-se à porta de entrada envidraçada: caminhou numa área de grama irregular, com tufos de capim, que terminava, uns trinta passos adiante, numa elevação de duna atrás da qual se encontrava o mar invisível do interior da casa. Ventava muito e as ondas estavam altas. De qualquer modo, se alguém se aproximasse, seria claramente visível. Um poste de luz iluminava a faixa de areia e projetava a luz na direção de um pé de laranjeira no início do terreno. A orientação recebida era simples e perigosa. No caso de uma aproximação, deveria postar-se num dos lados da parede que serviam de marco para a porta de vidro, apontar a arma para fora e atirar uma vez, aguardar trinta segundos, e depois atirar duas vezes sem interrupção, todas para o alto. Recuar em seguida para o fundo da sala, do lado da parede; passar para o outro quarto. O objetivo era paralisar a ação policial, garantindo a fuga de três dirigentes pelos fundos da casa. Desconhecido dele era o plano como um todo: os dirigentes fugiriam por uma trilha que subia a montanha e acabava, no outro lado, numa outra casa próxima à rodovia, alugada para o mesmo fim por um casal de simpatizantes. Um automóvel na garagem serviria para a fuga. Eles seriam avisados mediante uma ligação telefônica. O mesmo caminho seria percorrido pelos demais militantes imediatamente depois, mas ignorando a casa, caminhariam pela mata em direções opostas e aguardariam o amanhecer para, quilômetros adiante, com uma diferença de uma hora cada grupo, subdivido em outros menores, pegar ônibus da linha intermunicipal nos pontos de parada na rodovia também em diferentes rumos. Ignorante desse plano por razões de segurança, tinha a certeza apenas de que ele seria um dos últimos a sair.

Caso viesse a ser preso, a falta de antecedentes seria um fator em seu favor. Não precisaria inventar nenhuma história, de fato estava ali apenas com o papel de apoio, não participara das discussões e ficara restrito aos cômodos mais externos da casa. Assim poderia justificar a omissão de dados como número de

pessoas e informações a respeito do destino dos militantes em fuga. Deveria acrescentar que as orientações eram a ele reportadas por uma mulher de estatura mediana, de pele branca, olhos e cabelos castanho-escuros de nome “Sílvia”. Pelo menos foi isso que ele gravou na memória a respeito do plano de segurança para aquele ativo do qual agora participava.

Para manter-se em situação de vigília na sala durante a madrugada dispunha de café, cigarros e um baralho. Imediatamente após ficar sozinho na sala, serviu-se de café, acendeu um cigarro e pôs-se a pensar no que os companheiros esperavam dele. A ação de segurança com uso da pistola tinha apenas o papel de preservar o núcleo dirigente, único capaz de reaglutinar os militantes das várias seções estaduais não participantes do ativo no caso de uma ação repressiva da polícia política. Tratava-se apenas de auto-defesa nessa circunstância específica; não se incluía, inclusive com o mesmo nome, entre as formas de ação político-militares inscritas na estratégia de luta revolucionária que atraía a maioria das dissidências do velho Partido Comunista Brasileiro, desmoralizado pela capitulação sem luta diante do golpe militar de 1964. Lembrou-se dos contatos que mantivera com duas destas organizações, ainda na faculdade e do sentimento de que a luta armada não era uma alternativa viável naquele momento. Aqueles quadros que fizeram o enfrentamento armado da ditadura militar, muitos dos quais mortos, presos ou desaparecidos, destinavam-se os versos “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” da música “Caminhando”. Contrária a esse rumo, a linha política da organização que retomara o nome de Política Operária de 1961, refundada como organização de combate marxista-leninista em 1970, assumia a perspectiva da mobilização independente da classe operária traduzida no trabalho em áreas fabris estratégicas: militantes integrados na produção buscariam o enraizamento das posições políticas junto aos grupos operários remanescentes das lutas imediatamente anteriores; seu principal instrumento seria a imprensa periódica na qual se analisava a evolução da conjuntura com ênfase na exploração vivida pelos operários. Vez ou outra também se publicavam no jornal notícias sobre a situação dos trabalhadores do campo e das cidades. Os estudantes também apareciam em informações como a da realização de um congresso clandestino. Queria-se apontar, deste modo, as forças que teriam de ser polarizadas pelo partido da classe operária, construído a partir daqueles grupos quando da retomada das lutas. O cenário internacional permitia identificar soluções revolucionárias e apontá-las como uma possibilidade futura no país. Havia nessas análises uma grande expectativa. Nas ocasiões de leitura e de discussão, como fora aquela em que conversara com Vicente meses antes (um jovem cabeludo de testa alta e barbudo, baiano de fala tranquila e raciocínio argumentativo), ele se sentia como se estivesse a sonhar acordado, observando uma imagem luminosa projetada no horizonte enquanto caminhava por ruas repletas de gente de cabeça baixa, em dias cinzentos. Enquanto lembrava e fazia essas considerações, o sentimento de que não conseguiria escapar na hipótese de uma investida repressiva insinuava-se cada vez que olhava para fora da casa.

No silêncio da madrugada, o rugido contínuo das ondas e o cheiro da maresia pareciam ter deslocado o mar para mais perto da casa. Observou novamente a arma. Leopoldo não apenas ensinara a empunhá-la e a atirar. Por meio dele uma literatura desconhecida e proibida chegara às suas mãos. Mais tarde soube que os livros tinham pertencido a um professor que fizera parte do Grupo de 11 na sua cidade, pouco antes do golpe militar. Procurou afugentar a tristeza suscitada por essas lembranças. Apurou o ouvido para o ruído do mar. Que o fez lembrar uma noite passada numa praia lá do sul com amigos, anos passados; a lua cheia permitira a todos vislumbrar-se com nitidez; mesmo assim seguiram o ritual de acender uma fogueira para conversar, cantar e beber em roda; e que se foi desfazendo aos poucos enquanto as nuvens passavam rapidamente, muito baixas. Despertou sacudido por um companheiro que, ao segurar sua mão para evitar o alcance da arma, acrescentou “está tudo bem, você apenas ‘apagou’ no final da madrugada. Vamos comigo para a cozinha preparar um café para a turma.”

Avenida Chile

Tudo deveria acontecer no melhor estilo da república estudantil. No cardápio: sopa de pedra com pão e manteiga, acompanhado de um Sangue de Boi servido à vontade. Providenciaram no açougueiro da redondeza o melhor osso bovino, com muito tutano para impregnar o caldo de batata, arroz, chouriço, cebola, alho, couve, tomate, temperos diversos, azeite, talvez uma cuspidinha do cozinheiro sem que ninguém

visse para lembrar a bóia do bandeirão do centro acadêmico. Enquanto a “ceia dos mendigos” estava a ser cozida no caldeirão, conversaram assuntos diversos e desencontrados, como se diz, “para cercar Lourenço”. Todos os moradores da república da Avenida Chile estavam presentes. Por causa do frio intenso naquele inverno (quase uma redundância naquela cidade morfética de onde todos queriam sair, inclusive ele, apesar das tarefas de que estava incumbido), consumiram todas as bebidas disponíveis, desde um terrível conhaque São João da Barra à saborosa Caninha da Roça. O Zé trouxe uma garrafa de vodka para diversos brindes, muito comemorados.

O italiano começou as despedidas ao falar na partida dele e de outros mais. Iriam para Santiago participar da primeira experiência de transição para o socialismo a partir do governo da Unidade Popular. Falou um pouco a respeito da crítica da esquerda revolucionária aos limites deste governo até ser interrompido: está bem, será uma experiência importantíssima mas vou ter de perguntar como fica o pagamento do aluguel da república se os que ficam, como eu, são uns duros? - perguntou o mais jovem dos amigos de república. O contrato será rompido em três meses, acertei isso com o proprietário, é o tempo de vocês procurarem outro lugar, respondeu o italiano sem chance de voltar atrás. Mesmo assim o mais novo resolveu reabrir a discussão. Questionou: por que não ficar? Somos tão poucos, sair do país agora significa enfraquecer a resistência. O italiano o ouvia com um meio sorriso no rosto. Interrompeu, sarcástico. Não perdoou: estamos nos despedindo, falamos sobre isso anteriormente, vamos beber, falar das mulheres que não comemos e também das que comemos, claro. Risos. O mais jovem insistiu: não acho certo. Não conseguiu prosseguir, apartado novamente pelo italiano: o que é certo, companheiro? Você e os outros, a turma da pesada que controlava o C.A., tentaram sustentar o trabalho político durante esses anos, mas na próxima eleição a probabilidade dos delegados de polícia controlar a nossa entidade é muito grande. Olhou para os demais e suas palavras repetiram uma história que todos sabiam de antemão: vamos lá, vamos recuar no tempo, e foi lembrando-se do pessoal da diretoria anterior, dos presos ou desaparecidos, de episódios como aquela panfletagem mal sucedida nos bancos escolares da Faculdade. O mais novo tinha participado nesse episódio, sabia como tinha sido perigoso distribuir o panfleto “A UNE somos nós” pouco antes do início das aulas. Tinham escapado por um triz daquele aluno aspirante a delegado de polícia que certamente iria revistar as bolsas cheias de material ainda não distribuído. Como fazer trabalho de massa nessas circunstâncias? - indagou o italiano. Eram perguntas com uma única resposta, apresentadas de modo taxativo. Sabe o que podemos fazer até a próxima eleição? Evitar a manipulação da direita na formatura deste ano e apertar o nariz ao publicar pronunciamentos dos liberais da OAB... e se divertir às noites com a caça aos ratos no refeitório do C.A. usando cabos de vassoura! (risada geral)

O mais novo emudeceu; parecia deprimido. Mas não. Apenas recolhera-se para dentro de si. É verdade, cada notícia das prisões em São Paulo, no Rio, em Salvador ou no Recife parecia ampliar o cerco repressivo exercido sobre as poucas organizações de esquerda, ainda ativas, para as associações estudantis, cada vez mais esvaziadas politicamente. O impacto maior foi o assassinato de Carlos Marighela, da ALN. Ainda assim, ele acreditava na necessidade de permanecer no país. A chama tinha de ser mantida acesa, ainda que mínima. O regime não duraria para sempre e sem a oposição de militantes e simpatizantes da esquerda revolucionária – como os amigos ali reunidos naquela noite fria – o futuro pertenceria à burguesia liberal. Ele sinceramente acreditava no aprendizado da vida como uma aventura que iria levá-lo para longe dali, em direção aos verdadeiros centros da resistência. Tinha a esse respeito certeza semelhante a de um cobrador do ônibus que, não dispondo de troco às vezes tinha de aceitar valor menor do que o preço da tarifa mas sabia que outro passageiro, em momento diferente daquele, devolveria os cinco ou dez centavos que perdera, numa espécie de lei de compensação de vantagens e desvantagens dos desvalidos da sorte.

Liberdade

Acordou com o rangido dos passos de alguém pisando o assoalho de madeira. Era o japonês magro que retornava do trabalho de garçom. Percebeu no resmungo do japonês gordo um xingamento. Filho da puta é você! - retrucou o japonês magro e ascendeu a luz de uma lâmpada que pendia do teto alto pelo fio. A súbita iluminação do quarto mostrou os rostos transtornados dos dois. Calma, por favor, interveio ele, de pé, interpondo-se entre eles. Não se meta, disse o japonês alto. Avançava na direção do adversário quando

se fizeram ouvir batidas na porta e a voz do senhorio perguntando: Tudo bem aí? Tudo, respondeu imediatamente ele. O pessoal somente ficou um pouco nervoso. Vamos fazer silêncio, certo? Certo. A briga se desfez. O magro desligou a luz e deitou-se, sem se despir. Minuto depois ressonava. Então a rádio-relógio anunciou cinco horas, quatorze minutos e vinte e três segundos, plim! Você sabia que a... O gordo desativou o alarme, sem pedir desculpas ao magro que apenas abriu e fechou novamente os olhos, virou de costas mas proferiu: você, você é um cara morto. O gordo deu os ombros, pegou sua toalha e saiu para o banheiro no final do corredor. Morto, ainda repetiu o magro a tempo de o gordo ouvir a ameaça. Ele pensou: e agora? Havia alugado a vaga por um mês, pagando adiantado. Seria apenas o período necessário para a decisão a respeito de seu destino pelo secretariado nacional no próximo dia 27 de abril. Quando se instalara no quarto no final do dia anterior, as camas estavam arrumadas, o armário fechado. Pareceu-lhe ideal por ser um quarto amplo, com pé direito alto e arejado. São dois japoneses, informara o Senhor Feo, senhorio, ele próprio nipônico: um trabalha de noite, outro de dia. Excelente para evitar maiores comunicações com eles, pensou. Mas agora, diante desse conflito o que fazer? Apostar que não vai acontecer nada, permanecer na vaga até o contato de amanhã? E se o contato não aparecesse, obrigando-os a transferir o ponto? O dinheiro para um novo aluguel não estava na disponibilidade de suas contas. Sair imediatamente, levar a bagagem para o depósito de malas da rodoviária e lá pernoitar? O risco de ser abordado pela polícia em flagrante de vadiagem podia ser ainda pior. Alugar um quarto num hotel de terceira categoria? Mas teria de se registrar na recepção, a ficha era enviada para a polícia política. Ir para uma boate e passar uma noite com uma prostituta? Significaria pagar mais do que uma diária de hotel, mesmo sem sexo. Qualquer opção teria de ser pensada com muito cuidado. A observância ou não das medidas de segurança tinha se transformado em uma questão de vida e morte naqueles dias em que a polícia política desencadeara na região central um “pente fino” em ruas cuja identificação obtida por tortura permitira delinear um mapa da localização de um “aparelho” de certa organização de esquerda. Militantes de outras organizações poderiam ser arrastados nessa “varredura” como alvos não mirados, porém aleatoriamente acertados. Ocorreu-lhe que uma alternativa seria pagar uma passagem de trem interurbano e pernoitar em hotel de uma cidade menor; o gasto seria pequeno e o registro de hospedagem provavelmente não era encaminhado à polícia. Estava a pensar ainda no que fazer quando o japonês gordo retornou do banheiro com um olhar estranho.

Cidade Ademar

Estava orgulhoso de si. Embora as mãos estivessem sujas de tinta, conseguira um alto percentual de aproveitamento das folhas de papel no uso daquela impressora artesanal. Claro, nem chegou perto da impressão de 100 páginas em 10 minutos, ritmo de uma “máquina de bater em padrões”, tal como Silva preconizaria mais tarde, no contexto da retomada das greves operárias de massa, sustentadas nas comissões de fábrica. Tudo isso ainda era futuro incerto naquela madrugada. Ele estava sozinho num quarto com um “reco-reco”, impressora manual de 45 x 33 centímetros que se podia montar, operar, imprimir uma centena de panfletos e desmontar. O panfleto que ora imprimia tratava do problema da comida estragada no restaurante de uma grande fundição. Os assuntos abordados nos panfletos e mesmo na imprensa regular, quando apareciam as “notícias do movimento operário”, eram, como esse da alimentação, relacionados às condições de trabalho, muitas vezes mínimas a exemplo da falta de chuveiros suficientes nos banheiros; mas também denunciavam a injustiça dos chefes e os patrões “carrascos”. Atraso no pagamento dos salários era sempre motivo de muita revolta, principalmente para aqueles operários casados e com família que pagavam aluguel. Havia muitos nordestinos nas indústrias mas o fato deles serem solteiros permitia dividir vagas em quartos nos bairros próximos dos empregos. Essa solidariedade espontânea não se traduzia em comportamento idêntico nas fábricas, em boa medida por causa da perseguição das chefias imediatas exigindo produção ou obrigando a fazer horas extras sob ameaça de demissão. Recentemente tinha acontecido, porém, um movimento inédito: milhares de operários haviam se recusado a assinar um documento comprometendo-se a pagar integralmente as consultas médicas, com o que a empresa, uma grande montadora de automóveis, acabava com o subsídio de dois terços pago aos convênios médicos. A expectativa criada com a existência de um núcleo organizado pela base dentro da fábrica foi grande entre os militantes porque eram perceptíveis os sinais de insatisfação social no meio operário com o custo de vida crescente e a manutenção do “arrocho salarial”. A revolta era maior ainda por

conta dos sindicatos descontarem o imposto sindical sem nada trazer para o lado do trabalhador naquela situação. Continuavam nas mãos da pelegada que conseguia esvaziar mobilizações espontâneas por meio de manobras na condução de assembléias sempre infiltradas de agentes da polícia política.

Removeu a tinta das mãos cuidadosamente com uma estopa umedecida na aguarrás e começou a desmontar a impressora manual. Levantou a moldura encaixada na base por duas dobradiças; retirou as folhas de papel que estavam no centro da base; em seguida soltou o estêncil fixado com fita adesiva na parte de baixo da tela; nesta, soltou a vedação de papel que, sob a forma de um “passe partout”, servira para delimitar a área de impressão ao estêncil. Finalmente retirou a tela de nylon esticada sobre a moldura com percevejos. Guardou-a num envelope grosso. Limpou o resto da impressora manual e fechou a moldura sobre a base. Desatarraxou o grampo sargento com o qual fixara o reco-reco na ponta da mesa. Tinha de devolver a “máquina”, estêncil, folhas impressas, refugo, todo esse material no final da tarde para o setor de organização e de imprensa, para o qual estiveram trabalhando, ele e outros companheiros, durante essa noite, pois a impressora automática tivera de ser consertada. O casal responsável pelo setor morava numa casa com um grande quintal com árvores frutíferas, num bairro afastado. Podiam não apenas imprimir, se fosse necessário, milhares de panfletos, mas também queimar o refugo sem problema de segurança. Guardou o “reco-reco” num saco de plástico grosso e colocou-o dentro da mala onde estavam acondicionados, dentro de envelopes, diversos documentos e alguns livros, fechando depois o zíper com um pequeno cadeado. Empurrou a mala para debaixo da cama. O ventilador continuava ligado na direção da janela aberta. Teria de esperar ainda um tempo para que o cheiro da tinta se dispersasse. Agasalhou-se pois a interrupção do uso do “reco-reco” o fez sentir de imediato o frio daquele começo da madrugada. Podia agora desligar o rádio que sempre funcionava na faixa da MEC FM para abafar o ruído. Tratava-se de um procedimento adotado desde o aluguel do quarto naquela casa, escolhida pela acessibilidade em termos de transporte com a vantagem de estar isolada naquele trecho da rua ainda pouco habitado. A dona, uma pantaneira encorpada, de dentes alvos e longos cabelos negros, descendente de pai negro e mãe guarani, perguntara pelo trabalho dele. Sou tradutor de livros de ficção científica de uma série popular. Anoto à caneta a tradução da língua inglesa para a portuguesa e depois faço a datilografia do texto. O que justificava o uso da máquina de datilografia Remington de carro grande. A dona era uma pessoa simples, ganhara a vida como manicure, não tinha passado a quarta série, soube depois. *O que é isso de ficção? É tipo esse:* retirou da mochila “Projeto: animal”, um livro de Charles Maine, tradução do original B.E.A.S.T. Ela pareceu encantada: *então veio morar aqui um intelectual? Não chega a tanto senhora. Mas espero tornar-me algum dia, por isso estou me preparando para a faculdade de Letras.* Exatamente por conta desse esforço, esperava não fosse ela incomodar-se dele às noites ouvir, baixinho, música clássica no rádio, pois era *uma forma de combater o sono sem prejudicar a leitura, entendeu senhora?* Ela nunca criou problema para ele, nem subia ao quarto. Uma vez por semana a faxineira contratada limpava o quarto, levava a roupa para lavar, secar e passar. Em compensação o companheiro da dona da casa, dez a quinze anos mais moço que ela, sempre se voltava contra ele quando, graças às garotas que trabalhavam no salão de manicure alugado no sobrado quase no final da Rua Canjeranas, era descoberto nas safadezas feitas com o dinheiro dela, na jogatina ou em farras com outras mulheres.

Acendeu um cigarro, desligou o interruptor do quarto, iluminado agora apenas com poste da rua poucos metros adiante da casa e deitou-se na cama. Enquanto tragava o fumo, sentiu vontade de tomar um café. Sem chance, pensou. Levantou-se, apagou o cigarro e fechou a janela. Deitou-se novamente, cobrindo-se com o edredom. Embora estivesse feliz por estar ali, realizara o sonho de estar no centro de gravidade da sociedade brasileira, desempenhando atividade de assistência à célula operária, faltava-lhe a companhia. Distante quilômetros, dedicada a concluir seus estudos universitários, ela não quisera acompanhá-lo apesar de recém-casados. De olhos fechados, fixou a imagem do semblante dela em pensamento. Lembrou-se de sua voz nas conversas lá no apartamento da Rua Ocidental, das risadas que davam ao ouvir o proprietário a gritar, no andar de cima, danado da vida com a mulher – “caralhos me refodam, Aídinha, se não estás a te apoquentar com mixarias!”. Português duma figa, troçava ela enquanto acariciava o cãozinho Pirata, o primeiro “filhote” deles como casal. Ao estender a mão para tocá-la, mergulhou no sono.

Mourão estava parado na entrada da Favela Nova Brasília, à minha espera. Nós nos conhecêramos fazia pouco tempo. Tinha procurado por nós, militantes do Partido dos Trabalhadores, a partir da leitura de um cartaz afixado numa padaria na rua principal. Adentrou na sala de reuniões da associação de moradores cumprimentando a todos com um sonoro “boa tarde”! Convidamos para aproximar-se. Ele juntou-se ao círculo formado por uma dúzia de pessoas presentes para dar início à criação do diretório zonal do Partido dos Trabalhadores na Leopoldina. Na sua vez de se apresentar disse chamar-se Antonio Fagundes Mourão, morador de Nova Brasília, operário empregado da indústria de óleo combustível instalada na Estrada Velha da Pavuna e estar interessado em conhecer o Partido. Contou-me depois, quando me acompanhava até o ponto de ônibus, ser chefe da manutenção, mas que, até pouco tempo exercera a profissão de mecânico eletricitista. Tinha sido escolhido “operário-padrão” pelo conjunto dos empregados por destacar-se no companheirismo diante de um grave problema de segurança ocorrido naquele ano. O fato dele ter recebido um prêmio patronal divulgado pelas Organizações Globo poderia provocar uma rejeição total entre nós, não fosse o Mourão um tipo espirituoso, brincalhão e principalmente camarada. Dispôs-se a apresentar-me a outros operários, dois deles metalúrgicos, igualmente moradores como ele. Era para esse fim que me encontrava com ele na entrada da favela.

Subimos a rua bastante movimentada naquela tarde de sábado, pessoas a pé e de bicicleta, um ou outro “fusquinha” e o comércio informal funcionando a pleno vapor com pregões de oferta. Embora conhecesse outras favelas, em morros ou planas, nunca tinha entrado nesta pela qual passava diariamente, no trajeto em direção ao centro e de volta para o Conjunto Habitacional 1o. de Maio, onde morava com Carmina e meus dois filhos, Antonio e Julio. Quando alcançamos a Praça do Terço, avistei, a uma distância de aproximadamente trinta metros, um jovem com um fuzil nas costas. Mourão avisou-se que estava “tudo bem” se não nos metêssemos nos negócios dele e seu bando, a maconha. Atravessamos a praça em diagonal com rumo para a direita – lá para cima, apontou ele o lado oposto, fica o Inferno Verde, uma miséria de doer o coração – entramos numa viela tortuosa e depois subir uns degraus para bater na porta de uma casa em construção. Apareceu uma mulher na janela e pela breve conversa mantida com Mourão entendi que um dos operários estava a caminho. Daí ele decidiu esperarmos na casa do filho dele, tomando o mesmo caminho até uma bifurcação que descia e de onde podia avistar, à esquerda, um pedaço do Morro da Baiana e, à direita, o bairro de Higienópolis. Aqui mora meu filho Claudio, disse abrindo a porta e avisando a nossa chegada com a exclamação “licença para visita!” Atrás de uma casa de dois cômodos, cozinha e banheiro o filho mantinha uma oficina de *silk-screen*. Ele não pode ir na reunião porque recebeu uma encomenda grande de camisetas, disse o Mourão antes de me apresentar ao filho. Cláudio interrompeu o trabalho de impressão para um aperto de mão. Mourão disse que a oficina era fruto do trabalho, somente do trabalho dele. Foi a deixa para o filho contar que antes trabalhara fábrica têxtil, ele e uma leva foram demitidos pouco antes da própria fábrica fechar as portas. Com o dinheiro da indenização conseguira montar aquela oficina. Tomamos um café preparado pela nora que em seguida trouxe até o avô um menino de dois anos. O encontro foi uma alegria tão grande que até o Cláudio saiu de sua faina para juntar-se aquela pequena comemoração da vida.

Depois das despedidas, já parecia ser a hora de procurarmos os operários aos quais iria ser apresentado. Quando chegamos, já se encontravam lá na casa de degraus. Conversamos ali mesmo na sala, servidos de mais um pouco de café pela esposa do anfitrião. O assunto era a eleição direta para os governos estaduais. A uma certa altura o Mourão propôs que eu falasse sobre a posição do Partido dos Trabalhadores. O anfitrião lembrou dos metalúrgicos do ABC e do Lula, gente de fibra que não teme a ditadura, assim como o nosso candidato, o Brizola. Esbocei um argumento de serem candidaturas com interesses de classes distintos que apenas agora, quando se iniciava o fim da longa noite da ditadura, se podia perceber as diferenças, pois antes “todos os gatos eram pardos”, mas ele atalhou-me com a pergunta sobre o candidato do PT no Rio de Janeiro. Ao proferir o nome de Lysaneas Maciel, ele retrucou: “Lasanha”? Não conheço. Mas não tem chance nem emparelhar com o “chaguista” (referia-se a Miro Teixeira) quanto menos de competir com o Brizola. A vez é do Brizola, esse é o candidato dos trabalhadores do Rio de Janeiro que vai ganhar. Senti o chão fugindo dos meus pés. A essa altura minha vontade era sumir da vista deles. Pior é que eu mesmo acreditava nesse candidato do partido a que me afiliara. Lysaneas, além de não pertencer às classe trabalhadoras não as representava do ponto de vista político. Expressava apenas um nome para

concorrer à eleição, escolhido numa convenção que já refletia o caráter pequeno-burguês do partido no Rio de Janeiro. Nomes como o do ferroviário Batistinha ou o metalúrgico Abdias, lideranças sindicais importantes ou ainda de Juarez Antunes, liderança da Companhia Siderúrgica Nacional que em seguida trocou o PT pelo PDT de Brizola, não cabiam no escaninho estreito da recepção dessa máquina. A legenda “um partido sem patrões” e a organização por núcleos já faziam parte do passado numa trajetória de apenas três anos. Não houve nenhum empenho em aproveitar a radicalização das greves de 1979 e 1980 para fortalecer o caráter operário do partido mediante a nucleação em empresas e bairros. Todo o esforço das organizações de esquerda que controlavam o partido consistiu em criar e controlar diretórios por zonas eleitorais, tendo em vista a redemocratização do regime político ainda nas mãos dos militares. Lentamente essas organizações assumiam uma prática semelhante às oligarquias políticas anteriores ao golpe de 1964, agora em fase de renascimento como expressão da “sociedade civil burguesa”, encaminhando filiações e indicações de candidaturas em convenções partidárias manipuladas.

Muito pior, contudo, era perceber a lenta dissolução da Política Operária dentro da dinâmica do PT, cada vez mais uma peça (não resta dúvida importante) na engrenagem da democracia burguesa nascente do acordo entre a oposição oficial e o Alto Comando das Forças Armadas. Os militantes remanescentes daquela organização revolucionária, nos quais me incluía, assistimos ao delineamento de uma nova época histórica mas não compreenderam a forma de enfrentá-la nos termos de uma “política operária” adequada. Éramos parte de uma geração de militantes sem experiência, apartados da anterior pela repressão do regime militar inicialmente em 1964 e depois em fins de 1968, a partir do Ato Institucional número 5. A prisão, o assassinato e o exílio dos velhos militantes provocaram uma cisão entre as duas gerações de revolucionários. Agora que o período de clandestinidade parecia chegar ao fim tudo parecia mais fácil, inclusive devido ao reencontro dos sobreviventes dessas gerações, mas o ativismo, consequência da nossa falta de formação teórica e política e da possibilidade de agir sem temer uma repressão imediata da ditadura militar, acabou por se impor, sobretudo no Rio de Janeiro. Havia quem, na Bahia e em São Paulo, tivesse a consciência de tais limitações e se dedicasse ao trabalho “cinzento” sem perder de vista o esclarecimento das condições de luta e da perspectiva geral em virtude do qual a dissolução da Polop não foi um processo inconseqüente. Mais tarde pude dar-me conta de que experiências políticas semelhantes tinham produzido os mesmos resultados embora com significados trágicos. A ausência de consideração a respeito do nível real de consciência dos trabalhadores e do seu estado de ânimo num contexto de desemprego e de repressão às greves, ou seja, numa fase de resistência difusa ao capitalismo, gerou novamente uma agitação radical desvinculada da vida social e conduziu a expectativas descabidas. Um exemplo foi o jornalismo legal que pretendia ser um instrumento de agitação e propaganda levadas de fora para dentro dos locais de trabalho. A propaganda abstrata do socialismo, incapaz de interpretar as lutas econômicas enquanto lutas contra a exploração capitalista e de projetar um sentido futuro para o anticapitalismo espontâneo do movimento operário, deixava de lado também a formação dos quadros indispensável para a transformação qualitativa do próprio PT numa nova onda de lutas. Em certo sentido, isso implicaria admitir as próprias fraquezas em matéria de formação teórica. Esquecia-se igualmente o fato de que a estrela branca de cinco pontas desenhada na bandeira vermelha daquele partido evocava um socialismo tão vago e distante como Aldebarã no imenso céu noturno.

Anoitecia quando me despedi do Mourão e dos companheiros dele. Ao chegar no apartamento, cansado e um pouco deprimido, deparei-me com as janelas abertas e a porta apenas encostada. O que acontecera? Anunciei minha chegada, nenhuma resposta. O mais novo nascido há poucos meses estava com a mãe lá no Rio Comprido. Chamei pelo meu primogênito. Silêncio. Pensei: está brincando de esconder comigo. Acendi a luz da sala. Subitamente tudo enegreceu em torno da lâmpada, cercada por uma nuvem de cupins revoando em volta. Senti o coração apressado: minha primeira reação foi desligar a luz na esperança de que os insetos procurassem a luz externa dos postes. Aguardei um ou dois minutos para religar a luz. A nuvem escura não apenas retornou como aumentou. Ocorreu-me lançar mão de um método que haviam me ensinado: fui até a cozinha, enchi uma panela com água, subi na mesa e aproximei o vasilhame da luz. O espelho de água, ao refletir a luz da lâmpada com intensidade maior, atraíu os cupins. O processo demorou alguns minutos. Meus braços e ombros doíam mas consegui livrar-me dos bichos despejando-os no vaso sanitário. E meu filho, onde estaria? A moça que cuidava dele tinha saído antes da hora, então poderia estar no apartamento do amiguinho. Não o tinham visto. Dei uma volta em todo o conjunto habitacional. Nada.

No retorno ao apartamento, a vizinha do andar de cima informou tê-lo avistado com um coleguinha lá para os lados da Cohab, do outro lado da Avenida Automóvel Clube. Meu Deus! O pequeno tinha fugido de casa, correndo o risco de ser atropelado naquela via expressa. Como é que ele ficara sozinho? Saí para procurá-lo naquela direção indicada pela vizinha. Um nó na garganta foi se formando enquanto procurava por ele. Contudo, ao retornar deparei-me com a vizinha do andar de cima: disse para tranquilizar-me, o menino tinha voltado, estava em casa novamente. Fui encontrá-lo embaixo da cama, tremendo. Estava preparado para uma surra, mas tudo não passou de uma bronca. Depois de ele ter dormido, fui até a dispensa. Peguei, no armário, a mala onde ficava guardado o arquivo morto da Polop no Rio de Janeiro. Precisava retirar um documento. Ao abrir a mala, tive a desagradável surpresa de deparar-me com um cupinzeiro criado no meio dos papéis ali guardados fazia um bom tempo. Era de lá que a nuvem de cupins havia saído! Passei o restante da noite queimando os restos dos documentos no banheiro com o sentimento de que uma fase na minha vida tinha chegado ao fim.

4. CHAPEUZINHO VERMELHO¹

Enquanto, imóvel na cadeira de barbeiro, ouço o repórter dizer...

Aqui é a rádio Guanabara, a sua rádio.... 100,2 Megahertz. Está na hora do... rapidinho: vamos falar com Jovelina. Alô Jovelina, como vai a moçada aí do Jacarezinho?

...entra uma outra voz que vem da cadeira ao lado:

- *Tudo bandido, tinha de acabar com a raça deles...*

Numa folga da navalha manipulada pelo Souza, virei um pouco o rosto para o lado direito. De soslaio, vi um senhor com aparência comum, branco, talvez perto de uns 80 anos. Os pedaços de conversa dele com o barbeiro que eu conseguia ouvir, entrecortados pelo programa radiofônico:

- *...Acertou Jovelina!*
- *...Uh! uh! Uau!*

...e memorizar ficaram por conta da minha atenção às navalhadas (você tem idéia do que é levar um corte de navalha devido a um movimento brusco?) do Souza, felizmente concentrado no que fazia:

- *Essa bandidagem aí dos morros, não se pode fazer mais nada. Com isso aí de direitos humanos, acabou o princípio da autoridade, arrematou ele. No meu tempo não era assim, você lembra do pessoal do Getúlio?*
- *Lembro sim,* respondeu o barbeiro.
- *Então. Eu cheguei aqui no Rio, vim lá de Cachoeiro, ainda do tempo da brilhantina, quando o cabelo não desmanchava nem debaixo d'água, está certo?*
- *Isso mesmo.*
- *Ninguém podia mesmo. Não pedia identidade, entrava tudo na bordoadada, no pau de tábua, pau de dois, como se dizia naqueles tempos... Deputado, criança, padre, não tinha vez. Havia agitação na rua, chegava, arrebatava. Havia autoridade...*
- *Havia mesmo.*
- *Não é como agora, vem os estudantes, essa semana foram lá e pararam a Rio Branco, se fosse naquela época, corria tudo, ninguém ficava para conferir a valentia deles. Não ficava.*
- *Não ficava,* repetiu o outro.

Uma frase de arremate.

Fez-se um silêncio entre os dois. Talvez ele estivesse cavoucando a memória mais profunda e separando eventos, traçando a linha do bem e do mal de acordo com o princípio da ordem incontestável a que estava vinculado. O tempo passou, na rádio agora tocava música, outros fregueses e barbeiros conversavam entre si, as manicuras também, gente entrou e saiu mas tudo pareceu burburinho contra o pesado ambiente de sigilo que cercava o passado daquele homem de aparência comum. Não seriam assim os assassinos? Gente com um oco no lugar da alma, apenas uma mente cinzenta trabalhando incessantemente em busca da perfeição de um único ato, o de destruir outro ser em nome de um princípio estabelecido por outros e que valia como a força de um deus desconhecido?

- *Depois fui para Brasília, integrar a polícia do Distrito Federal, veio a ser a polícia federal. Fiquei trinta anos lá,* disse de repente, retomando o curso na conversa.
- *Em Brasília?*

¹ Apelido dado aos membros da Polícia Especial criada por Getúlio Vargas, conhecida por usar um quepe vermelho.

- *É. Conheci todos os grandes... e de tudo quanto é canto do país. Picadas que viraram estradas de chão batido, depois rodovias. Tive família e mulheres. Foi... só parei, me aposentei quando o Figueiredo na véspera de deixar o poder, decretou um aumento de cem por cento: um presente que deixou pro Sarney...há, há!. Era hora de largar, tinha trinta e dois anos de serviço. Entreguei a carteira, o distintivo, o revólver e fui cuidar de mim. Em autoridade não acredito, porque não tem mais...*
- *Não é mais como nos tempos do pessoal de Chapeuzinho Vermelho, né?*
- *Chapeuzinho Vermelho, ninguém segurava, não havia deputado, nem padre ou criança.*
- *Não havia, não. Prontinho, delegado, disse o barbeiro ainda espanando os ombros do homem de aparência comum.*

Agora de pé, parecia-me ainda mais comum do que o comum dos mortais; entretanto ali estava, ao meu lado, uma pessoa excepcional porque marcada exclusivamente pelo ofício da violência do Estado. Alguma coisa – não sei se os olhos sem brilho, encravados num rosto inexpressivo – evocou-me uma lembrança. Um vento quente entrou pela porta entreaberta do salão. Subitamente vi diante de mim o avatar de um guarda de longínquo reinado cujos escombros são varridos periodicamente pela poeira do deserto. Ao sair, disse para o barbeiro confidente:

- *Olho vivo, hem? Cavalo não desce escada!*

5. INSÔNIA

Despertava por volta da mesma hora. Acordava abruptamente, não apenas com os olhos, mas completamente, de tal modo que tinha de lançar mão de expedientes para conseguir dormir outra vez diante da expectativa de que, após o almoço, com a percepção dos primeiros sintomas do sono roubado, acabaria por ser literalmente transformado num saco de músculos e ossos lutando para manter a mente funcionando, eventualmente comunicar-se com os outros no trabalho, em seguida lutar por manter-me de pé, a muito custo chegar em casa e finalmente poder ruir na cama, sobrepesado. Tendo essa plena consciência, fazia uma leitura ou assistia a um programa televisivo desinteressantes, enquanto bebia um chá de erva tranquilizante e ouvia música clássica em baixo volume. Fechava os olhos e transportava-me mentalmente para o lado da minha companheira que dormia um sono profundo. No quarto ao lado ressonava também o meu filho mais novo. Porém se, por sua vez, não conseguisse participar da casa sonolenta, uma hora depois, mais ou menos, a luz do acesso ao elevador acendia e invariavelmente, como o trovão numa tempestade distante, ouvia o som abafado de um jornal sendo atirado no tapete de entrada do apartamento. Aí que não conseguia mais dormir mesmo.

Nada me deixava mais aborrecido do que abrir a porta e verificar, ao pegar o jornal, estar rasgado ou, pior, depois de sentar-me na poltrona e folheá-lo, constatar a falta de um caderno. Resmungava palavrões contra o entregador. Maldizia-o pela despreocupação com uma tarefa que eu nivelava com a entrega do leite envasado, como se fazia na minha infância, no portão da casa de minha família. Por que, portanto, ele tinha de atirar o jornal?

Outras vezes, a luz não acendia. Logo constatava, com o passar do tempo, que o entregador não apareceria mais, pelo menos a tempo da hora em que, tendo tomado café, banho e estando vestido, abria a porta do apartamento para sair. Durante esse tempo, entre uma tarefa e outra, pensava no que poderia ter sucedido. A edição teria sido atrasada por que teria caído mais um ministro por conta de denúncias de corrupção? A situação teria evoluído para comprometer a própria Presidência da República? Um impeachment estaria em marcha? Ou quem sabe mais um evento de violência urbana paralisara a cidade durante a madrugada? Talvez tivesse ocorrido um terremoto de grande impacto destrutivo numa área densamente povoada? Obviamente também pensava em problemas menores, prosaicos, como uma interrupção do maquinário de impressão na gráfica do jornal, ou do motor do caminhão de transporte dos exemplares ou mesmo o adoecimento súbito do entregador.

Foi provavelmente um atraso dessa última categoria (digo isso, pois uma breve leitura das manchetes no jornal daquele dia não anunciava que o mundo tivesse saído de seus trilhos) que me levou a um encontro quase improvável. O som do exemplar sendo atirado contra a porta me fez procurar o relógio. 05:55, constatei. Depois de ter guardado o jornal, peguei o paletó, abri a porta e acionei o botão de chamada do elevador. Vinha do 12o andar. Ao parar no meu andar, abri a porta e deparei-me com o entregador. Além do atraso, deve ter retornado para entregar um exemplar de sua quota diária de assinantes neste bloco de apartamentos, pois vinha de mãos vazias. Fiquei surpreso com o tipo que grunhiu uma resposta ao meu “bom dia”. Estatura baixa, entroncado, moreno, com barba crescida irregularmente nas bochechas, vestia um colete com o nome do jornal. Um detalhe na cabeça acima da fronte chamou-me a atenção: trazia um par de óculos escuros do tipo utilizado pelos motociclistas que eu associei a filmes de aventura com pretensões a ficção científica. Assim que saímos do elevador, saiu mancando para a frente do prédio, onde se encontrava um carrinho de supermercado com alguns exemplares de outro jornal para entregar.

Passaram-se os dias e os meses até que se aproximou a época do Natal. Sabia que em breve receberia, como era de praxe há alguns anos, junto com o exemplar diário, um cartão com “os votos de boas festas de seu entregador”. De fato, uma manhã o envelope chegou acompanhando o jornal. Estranhei o nome. Seria o mesmo?

Num sábado em que estava sozinho, o interfone tocou. O porteiro avisava, com pedidos de desculpa, a interrupção do fornecimento de água nesse horário por conta de uma obra de emergência no 703.

Agradeceu a compreensão e desligou. Todo meu esquema de preparar para mim o almoço de um filé com arroz, brócolis e batatas tinha “ido por água abaixo”. Não restou alternativa senão sair para almoçar fora de casa. Por acaso decidi atravessar a rua (não sem antes cumprimentar o “seu” Manoel, melhor fornecedor de cerveja gelada das redondezas, que me respondeu com um aceno detrás do balcão do boteco) para sentar-me à mesa do Príncipe do Aipim Frito, onde, além do tira-gosto famoso, era servido o melhor prato feito da área. O nome era curioso, mas ainda mais foi encontrar, sentado à mesa ao lado da escolhida por mim, nada menos do que... o entregador.

Dei meus bons dias a todos os presentes. Veio um bom dia lá de dentro. O entregador apenas meneou a cabeça. Pedi uma água tônica. Sim, “com gelo e limão” respondi ao garçom. Enquanto aguardava, olhei de soslaio o entregador, totalmente absorto no prato de comida. Nisso um automóvel ultrapassou o sinal fechado em alta velocidade, por pouco não atropelando uma senhora de idade.

Corja! - gritou o entregador, largando o garfo no prato onde restavam apenas poucos grãos de arroz e de feijão. Aqui é sempre assim, nem devia ter esse sinaleiro neste ponto da rua, disse voltando-se para mim.

É mesmo, retruquei. Hoje em dia não está fácil. Pior, os automóveis tem motor com potência cada vez maior.

A conversa teria ficado aí não fosse ele perguntar:

O senhor mora aqui?

Sim, no número 211.

Ah no Estrela do Sul, de dois blocos.

É, neste.

Entreguei muito jornal lá, nesses prédios todos, disse enquanto movimentava a mão em semicírculo.

Não entrega mais?

Respondeu com um não incisivo.

Arrumou outro emprego?

Emprego? Não, trabalho agora no ramo do papelão, respondeu com um sorriso sarcástico. Fiquei muitos anos naquele trabalho de entregador de jornal, sabe disso, senhor...?

Antonio.

Norival, estendeu uma mão calosa que apertei.

Pois é, “seu” Antonio, fiz muitas coisas, boas e ruins, por esse mundão afora. Conhece Tucuruí? (Negaceei. O meu olhar atento estimulou-o a prosseguir) Não? Pois é, fui peão de trecho por aquelas bandas. O maior lago que eu vi. É, fiz muitas coisas, de ruindades que nem percebia. Depois o tinioso fez a cobrança.

O que aconteceu? (A essa altura eu estava de fato interessado em conhecer a história dele.)

Começou assim: acidentei essa perna aqui, pousou a mão do joelho esquerdo. Aconteceu em março durante a construção da barragem. Isso não está escrito, e nem deve (o tom de voz diminuiu e, num ar

conspirativo, arrastou a cadeira onde estava sentado para junto da minha mesa) porque quem sabe não pode contar. Choveu tanto como nunca vi jamais. O dia virou noite de repente. Aí inverteu, ficou tudo branco, não se via nada, só a água por todos os lados, aquele branco escorrendo. Me alembro como se fosse hoje, aquele mundaréu de gente ali correndo para se abrigar da cortina branca que apartou a gente, tudo branco sem ver um palmo adiante, um mundo de cego esbarrando. Depois o rumo da água também inverteu. Prá evitar a inundação os engenheiros disseram que a barragem tinha de elevar três metros, o cálculo tinha sido por baixo. Toda a peãozada trabalhou sem parar dez dias varando noite adentro. Foi quase no final – o cansaço arruinando a gente - que um andaime veio abaixo, com a gente e as ferramentas; a britadeira caiu em cima da minha perna. Foi terrível **(disse isso com o olhar esbugalhado como se o pavor daquele dia nunca tivesse acabado dentro dele. Ficou uns segundos sem dizer nada. Depois o tempo começou a contar de novo, relaxou).** Dei baixa. Pagaram as contas, me jogaram no hospital do INPS lá na cidade. Fiquei um ano internado, injeção, medicamento, junta médica e tal, mais uma fisioterapia braba. Vivi entre a esperança e o medo. Pelo menos era tudo pago pela empreiteira. Soube depois de outros camaradas assim como eu, acidentados, e até pessoas desaparecidas. Na ocasião eu tinha prá perto de 27 anos, até então me importava com nada. Mas saí de lá mancando, faltando um pedaço de mim. Voltei, encontrei minha mãe doente, o velho tinha morrido sem ter notícias minhas. Fiquei com uma saudade dele de doer. Precisava tomar jeito e me ajeitar na vida. Aí arrumei um emprego numa loja de material de construção, me firmei um pouco, mas a perna atrapalhava. Casei, tive filho, separei. Desassossego que eu tinha. Pensão, mais despesa, o filho com ela, não cuidava direito, nem eu como devia. As más companhias levaram ele para as drogas. Nesse meio tempo... Estou perturbando o senhor, “seu” Antonio?

Pode continuar, “seu” Norival, estou ouvindo sua história, é de muita luta, não é? Me dê licença, porém, para ouvi-lo enquanto almoço. **(O meu pêéfe tinha chegado.)**

Como dizia, nesse meio tempo desesperei: na branquinha afogava as mágoa. E afundava. Ih, já acordei na sarjeta, sem documentos e sapatos. Sem o jornal teria me perdido de vez. Lá, naquele carrinho de supermercado, toquei a minha vida entregando jornal. Distribuí o Correio, o Diário, o da Tarde e o da Manhã. Empurrava desde o ponto da distribuição para a entrega nos prédios, aproveitava ladeira abaixo para chegar mais rápido, há, há. Outros tinham motocicleta, eu não, ferrado, me valia do carrinho. O pessoal mangava: olha aí quem chegou, o Super Norival, o Perninha, coisa e tal. Mas eles não tinham esquema, não era gente sistemática como eu. A velocidade era da moto, não do trabalho. Então eu quase sempre terminava antes, sabia os assinantes em cada edifício, esse lia o Diário, aquele o Correio, tudo separado mas junto se fossem do mesmo andar, subia até o final, pegava do último com a porta do elevador aberta lançava ali no andar, seguia assim até o térreo **(quase interrompi para perguntar, com algum ressentimento: precisava atirar o jornal? Mas ele quase nem respirava quando contava que)** fazia o relatório, recebia meus pontos. O supervisor gostava de mim, eu não deixava furo, fazia tudo direitinho, nunca faltava. Tinha parado de beber. O meu filho que tinha nascido torto, piorou, se deu mal numa história de droga prá gente rica, numa festa, deu uma confusão lá, acabou preso. Então chegou a época do Natal, as promoções, maior volume de cadernos, propaganda, cadernos especiais. E meu filho preso, longe da família. O netinho pequeno, minha paixão, pedia: vô pede ao Papai Noel me trazer uma bicicleta. Fiquei apaixonado. Tinha de conseguir a bicicleta. Nunca tinha pedido nada ao supervisor. Desta vez fui lá pedir mais um ponto de distribuição. Me deu, tirou de um que faltava demais. Foi depois do dia que roubaram a motocicleta desse um. Perdeu o dia. Ali se enfiou o coisa ruim. O colega não reagiu comigo, nem falou pros outros. Atravancou meu passo, me fez cair. O jornal me chegava faltando caderno ou rasgado **(era por isso que chegava assim!)** e eu estava numa sinuca de bico, não podia entregar nem deixar de entregar pois a reclamação do assinante viria de qualquer forma, como **(começou a trincar os dentes)** aconteceu... **(A essa altura eu transpirava)** Trancou a rua, o desgraçado conseguiu alguém lá de cima da distribuição, me trancou, eu caí. O senhor está se sentindo bem?

Estou, é esse calor. Desculpe.

Tá mesmo. Mas então mais de um assinante me denunciou **(denúncia!)** por causa da falta dos cadernos. O supervisor sabia, mas não tinha prova, não podia botar a cabeça dele, foi a minha que rolou.

Falou alguma coisa mais, inaudível. Emudeceu. O olhar perdeu-se na rua, como se visse lá a figura nefasta, zombeteira. Acompanhei o silêncio, constrangido por não saber o que dizer, tentando me lembrar, sem conseguir, se teria colaborado (**involuntariamente?**) para aquele desfecho. Queria sumir, mas meu corpo parecia grudado na cadeira. A garganta ardia; entretanto segurava um copo vazio. O Norival deve ter percebido meu incômodo e minha situação indefesa, foi rápido:

“Seu” Antonio, vejo que o senhor é um homem de bem. Me ouviu com paciência. Tem um coração bom. Ficaré esse seu criado muito agradecido se der um ajutoriozinho, qualquer cinqüenta reais pra comprar a bicicleta pro Joelzinho ajuda.

Despediu-se com um *Deus lhe pague!* e ainda deixou a refeição dele para pagar. Abaixou os óculos de piloto de motocicleta nos olhos e caminhou, mancando, até a banca de jornal. As pálpebras me pesavam. Empurrando o carrinho de supermercado, olhou para mim e acenou. Depois simplesmente se dissolveu na luminosidade abrasadora daquele dia de verão.